O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 33 | Boa Vista | 2022

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7059899

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

(GEO)GRAFIAS DE GOTHAM CITY OU DE NOVA YORK OU DOS BRASIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME JOKER (2019)

Romero de Albuquerque Maranhão[1]

Resumo

O cinema nos apresenta um mundo em constante mutação, em transformação, em movimento, em ação e em determinados instantes, em homeostasia. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar o filme *Joker* pelo prisma geográfico. Os resultados apontam que *Gotham City* é uma cidade sombria e perversa, marcada pela desigualdade social, caracterizada por extrema violência, e à beira de um caos político. Desta forma, *Gotham* assume os contornos de uma cidade reconhecível, repleta de paralelos com o real. A violência, exacerbada e exagerada, praticada por Arthur Fleck (Coringa) não pode ser simplesmente justificada pela falta de atenção do Estado, mas como fruto de necropolíticas enraizadas nas cidades contemporâneas.

Palavras-chave: Cinema. Geografia. Violência. Capitalismo. Necropolítica.

Abstract

The film presents us with a world in constant mutation, in transformation, in movement, in action and at certain moments, in homeostasis. Thus, the objective of this research is to analyze the movie Joker by the geographic prism. The results show that Gotham City is a dark and perverse city, marked by social inequality, characterized by extreme violence, and on the verge of political chaos. In this way, Gotham takes on the contours of a recognizable city, full of parallels with the real thing. The violence, exacerbated and exaggerated, practiced by Arthur Fleck (Joker) cannot simply be justified by the lack of State attention, but as a result of necropolitics rooted in contemporary cities.

Keywords: Film. Geography. Violence. Capitalism. Necropolitics

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enquanto o tempo passa as geografias avançam num amplo e caloroso debate com as artes. Vários pesquisadores se debruçam nas discussões entre Geografia e Arte, em especial com o cinema, seja enquanto recurso didático, seja como objeto de análise (FIORAVANTE, 2018; CARVALHO; NABOZNY, 2019; CHIAPETTI; FREITAS, 2019; FILHO, 2019; OLIVEIRA JÚNIOR; GIRARDI, 2020; FERREIRA; LEMOS, 2020; DANTAS JÚNIOR; GÓES, 2020; MARTINS, 2020; FERREIRA; COSTA, 2021; RODRIGUES, 2022). Todavia, no contexto atual, a ideia é estreitar ou aniquilar a dicotomia existente entre ciência geográfica e cinema (técnica e arte), conforme aponta Nascimento (2020), partindo-se da premissa que "*o filme não mascara a mundo, mas o revela, narrando-o imageticamente, sendo uma geografia*".

Este artigo compreende a premissa de que o filme revela o mundo e não as "representações" do mundo, tal qual preconiza Bresson (2005). Assim, as paisagens desnudam o mundo, as relações do mundo com os seres humanos, e as experiências humanas sobre a terra (BERQUE, 1987; COLLOT,

[1] Doutor em Administração e pós-doutor em Educação. Mestre em Geografia. Especialista em Gestão Ambiental. Administrador. E-mail: romeroalbuquerque@bol.com.br

2014; FERREIRA, 2017). Ou seja, o cinema nos apresenta um mundo em constante mutação, em transformação, em movimento, em ação e em determinados instantes, em homeostasia (equilíbrio dinâmico).

> Ao olharmos para as imagens de um filme, nosso movimento de observação não é, jamais, no sentido de tentar reconstruir o 'exame de consciência' do autor daquelas imagens, pois, tudo aquilo que aparece na grande tela, no ato da projeção, se desgarra das intenções primeiras daquele que as produziu para se tornarem livres e, novamente, dispõem se ao 'aprisionamento' dado pelo espectador que, mediado por suas experiências, as toma como suas (QUEIROZ FILHO, 2009).

Nesse preâmbulo exploratório e não conclusivo, o objetivo desta pesquisa é analisar o filme Joker[2] (2019) pelo prisma geográfico, diferentes de outros autores que a fizeram numa perspectiva psicológica (ZANONATO; OLIVEIRA, 2020; ARAÚJO, 2021; PAGANI; ALENCAR, 2021; FIGUEIREDO; MORONTE, 2022), artística (OLIVEIRA IUVA, 2019; REDMOND, 2021), jurídica (TAVARES; MADRID, 2020; BACK, 2021; MACHADO; VILLA, 2021; RODRIGUES; SARDINHA, 2022) e sociológica (JESUS MASCARENHAS; CAMPOS, 2020; AMARAL, 2021; SANTOS BRITO, 2021; BAHARUDDIN; GOSAL, 2021; PRADO, 2022; ROSITA; PRATHISARA, 2022).

Metodologicamente realizou-se um estudo de natureza qualitativa, que conforme Minayo (2002), busca responder a questões muito específicas, e trata-se do ambiente de significados, aspirações, crenças e valores, os quais se encontram em um lugar mais aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos. Assim, realizamos uma pesquisa do tipo exploratória, na qual segundo Gil (2008), tem o objetivo de desenvolver, explicar ou modificar conceitos e ideias, a fim de formular um problema mais preciso ou hipóteses possíveis de serem pesquisadas em estudos no futuro. Na coleta de dados, utilizou-se da análise fílmica, que, segundo Penafria (2009), tem o propósito de explicar como funciona uma determinada película, propondo uma interpretação deste através de uma desconstrução e reconstrução, para assim compreender de que forma os elementos do filme encontram-se interrelacionados.

A pesquisa justifica-se pela lacuna teórica e metodológica existente na literatura recente, bem como pelo contexto sociopolítico (racismo na mídia e nas ruas; pobreza extrema; economia em colapso; desemprego em alta; *bullying* em todas as esferas; corrupção escancarada; exclusão social exacerbada; violência em todos os níveis; Estado opressor e exclusivo) em que o filme foi lançado e na configuração de mundo distópico[3]. Além disso, a partir de uma visão geográfica é possível perceber que há algumas

[2] No Brasil foi lançado com a denominação de "Coringa", em 03 de outubro de 2019, e indicado para maiores de 16 anos. Contudo, foi gravado nos Estados Unidos da América onde recebeu a classificação R (18+), por apresentar cenas de violência explícita e linguagem obscena. A produção do diretor Todd Phillips custou US$ 62,5 milhões e faturou, até abril de 2022, US$ 1 bilhão em bilheteria.

[3] A distopia, no grego antigo, significa literalmente "lugar ruim". A palavra é usada para descrever um lugar, uma época, uma comunidade ou uma sociedade imaginária onde se vive de forma precária, sofrida, sob um regime autoritário e muito desespero. Na medicina, o termo é usado para definir um órgão anômalo que está fora do lugar no organismo. Um mundo distópico é aquele que possui os elementos que

paisagens no filme *Joker* que nos remetem a compreensão de uma realidade ignorada por milhões de pessoas, ou não compreendidas por olhares cartesianos tais quais alertados por Fritjo Capra. Ou seja, o filme nos mostra que as coisas estão desmoronando (REDMOND, 2021) por conta da lógica capitalista contemporânea e opressora.

Este texto está estruturado nestas considerações iniciais, seguida de uma rápida síntese do filme e uma breve caracterização da cidade de Gotham. Após são apresentadas algumas geografias de Gotham City e as conclusões que encerram o trabalho.

LUZ, CAMERÂ E AÇÃO: O FILME JOKER – UMA SÍNTESE

O Filme norte-americano *Joker*, dirigido por Todd Phillips e lançado em 2019, retrata o drama o vivido por Arthur Fleck (interpretado por Joaquin Phoenix) na cidade de Gotham, uma cidade, em que pese dita "fictícia", com diversos problemas sociais. O personagem trabalha para uma agência de aluguéis de palhaços chamada *Haha's*, que aparentemente não remunerar bem os seus colaboradores. Ainda na introdução do filme, enquanto trabalha na rua já fantasiado de palhaço, Arthur dança ao som do piano em frente a uma loja de instrumentos musicais segurando uma placa com os dizeres "*everything must go*" (Figura 1).

Figura 1 - Arthur Fleck trabalhando como palhaço em Nova York



Fonte: Phillips (2019).

descrevem uma distopia. Normalmente, um mundo distópico é aquele avassalado por mudanças climáticas causadas pelo homem, regimes fascistas, desigualdade social, falta de esperança, vigilância constante e diversos fatores que causam sofrimento a quem vive nesse universo (DECLERCQ, 2020). De acordo com o *Oxford English Dictionary*, distopia é uma sociedade imaginária afetada por sofrimento e injustiça. A definição do termo « distopia », cuja origem remonta ao final do século XVIII, faz referência ao verbete " utopia", identificado, por sua vez, como um lugar ou estado onde "tudo é perfeito".

Arthur sofre distúrbios neurológicos e transtornos mentais que lhe acarretam risos incontroláveis quando passa por situações de tensão psicológica ou de desconforto, por isso, as suas estridentes gargalhadas quase nunca refletem a real obscuridade vivenciada em seu íntimo, o que assusta e afasta as pessoas (Figura 2). Dentro de um ônibus, Arthur faz alguns gracejos tentando alegrar uma criança pequena que, a propósito, responde com simpatia às suas brincadeiras. A mãe da criança, sem qualquer motivo, começa a gritar e maltratá-lo, acusando-o de perturbar seu filho e pede que ele deixe a criança em paz.

Figura 2 - Risada de Arthur após ser hostilizado por uma mulher dentro do ônibus



Fonte: Phillips (2019).

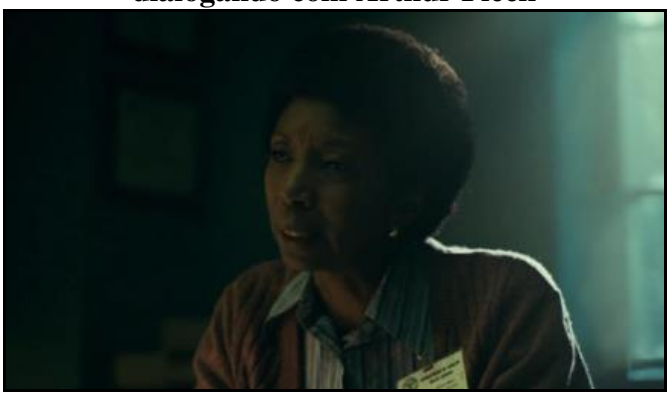
O personagem central reside em um pequeno apartamento, onde cuida de sua mãe, Penny Fleck (interpretada por Frances Conroy), que também padece de problemas mentais, pois mistura realidade com ilusões criadas ainda que inconscientemente, o que inicialmente não é do conhecimento de Arthur. Uma das poucas alegrias inseridas no cotidiano da família Fleck, é assistir ao *talk show*, apresentado por Murray Franklin (interpretado por Robert De Niro), que é idealizado por Arthur como referência pessoal e profissional (RODRIGUES; SARDINHA, 2022).

A película (ambientada na década de 1980) aborda criticamente valores vigentes na sociedade capitalista promovedores do adoecimento psíquico, explorando também o mundo interno dos personagens e suas trajetórias. De acordo com Benvenuto (2020), o filme de grande sucesso no mundo – baseia-se nos quadrinhos do Batman, mas na realidade é inspirado no romance "O homem que ri"[4] e pelo filme "V de vingança" de James McTeigue[5].

[4] É um romance de Victor Hugo, publicado originalmente em abril de 1869 sob o título francês *L'Homme qui rit*. Descreve a vida de homem (Gwynplaine) que vive na pobreza como a maioria dos ingleses durante o final do século XVII e início do XVIII. Na Inglaterra dessa época, a elite, a aristocracia e os monarcas são os tomadores das decisões do país e a maioria, os pobres, silenciados pela miséria.

Nas primeiras cenas do filme, Arthur acaba sendo futilmente espancado por um grupo de jovens, enquanto fazia propaganda como palhaço, posteriormente é traído por um companheiro de trabalho, vindo a ser também demitido e humilhado pelo chefe. Mais adiante a Assistente Social que fornecia auxílio terapêutico e remédios para amenizar os seus transtornos mentais, comunica que o tratamento será encerrado (Figura 3), afirmando que o Governo e os poderosos não dão importância às pessoas que estejam situadas em posições inferiores da pirâmide social (RODRIGUES; SARDINHA, 2022).

Figura 3 - Assistente Social dialogando com Arthur Fleck



Fonte: Phillips (2019).

O Coringa[6] surge quando Arthur fantasiado de palhaço é brutalmente agredido dentro do metrô, por três homens de boas condições sociais e financeiras que trabalhavam nas empresas *Wayne* e estavam assediando uma mulher (Figura 4). Ao ser tomado pelo ódio, Arthur acaba disparando com arma de fogo em um deles, matando-o, depois ceifa a vida do segundo, para finalmente perseguir o terceiro e efetuar vários tiros, inclusive contra o corpo sem vida. Depois de fugir do local do crime, Arthur adentra ofegante em um pequeno e sujo banheiro de posto e lentamente começa a dançar sozinho, entregando-se a uma espécie de transe mental, demonstrando sensação de prazer e satisfação pelos crimes que havia acabado de cometer (MARCELLO, 2019; RODRIGUES; SARDINHA, 2022).

Ao longo do enredo, Arthur irá descobrir dois fatos sobre seu passado. Primeiro, ao ler uma carta escrita por sua mãe, ele descobre que é filho do milionário Thomas Wayne - candidato a prefeito da cidade (pai do garoto Bruce Wayne que, como sabido, virá a tornar-se o super-herói Batman). Segundo,

Gwynplaine, assim como os pobres, não tem voz na Inglaterra, mas tem algo mais peculiar: a deformação de seu rosto. Mutilado ainda criança, Gwynplaine tem seu rosto modificado para que ele esteja sempre sorrindo, depois de ser alvo dos comprachicos, compradores de crianças que modificam seus rostos e corpos a fim de transformar suas deformações em entretenimento para os mais ricos nos circos.

[5] É um filme de ação e suspense de 2005, lançado no Brasil em 2006. Retrata uma sociedade distópica num futuro próximo. Após uma guerra mundial, a Inglaterra é ocupada por um governo fascista e vive sob um regime totalitário. Na luta pela liberdade, um vigilante, conhecido apenas como V, utiliza-se de táticas terroristas para enfrentar os opressores da sociedade. V salva uma jovem da polícia secreta e encontra nela uma nova aliada em busca de liberdade e justiça para o seu país.

[6] Coringa é um personagem dos quadrinhos sendo o principal arqui-inimigo do herói Batman, foi criado e teve sua primeira aparição em 1940 na revista do Batman pela editora DC Comics, onde a loucura é entendida como seu principal poder. Quase depois de 80 anos de sua criação, ele é considerado, por muitos críticos de cinema, o maior vilão das revistas em quadrinho, proporcionando grandes mudanças na literatura desse gênero (ARAÚJO, 2021).

ao abordar Thomas Wayne, Arthur fica enraivecido ao ser informado que, na verdade, ele é filho adotivo e sua mãe é louca (CORREA, 2020).

Figura 4 - Três homens e uma mulher no metrô de Gotham City



Fonte: Phillips (2019).

Em seguida Arthur mata sua mãe e descobre que seu relacionamento com a vizinha era uma fantasia de sua mente, bem como outros momentos que se imaginava no *show* de Murray sendo aplaudido e agraciado. Logo após, Arthur recebe uma ligação do escritório de Murray, convidando-o para uma entrevista na TV. Arthur aceita e decide que sua aparição no Murray Franklin Show será sua última. Ele planeja como vai se matar na TV ao vivo, pensando em todos os movimentos, desde o momento em que ele entra no palco até o instante que ele puxa o gatilho.

Neste momento, sua transformação como Coringa está completa. Ele decide ir ao programa vestido de palhaço. Murray concorda com isso, esperando que Coringa, vestido como os palhaços que tomaram as ruas, traga algum tipo de diversão para o público. Todavia, isso não acontece. Coringa admite em frente as telas que matou os três homens no metrô e acusa Murray e Thomas Wayne de serem igualmente maus por sua atitude em relação aos menos afortunados. Depois de um pequeno monólogo, Coringa mata Murray na TV, ao vivo. Logo depois, ele é preso e na cena final, o vemos correndo em torno de uma ala psiquiátrica.

ONDE ESTOU? EM GOTHAM CITY, EM NOVA YORK OU NO BRASIL?

Antes mesmo que o nome de Gotham fosse associado às narrativas do super-herói Batman, já comportava a problemática da representação de cidade: local de loucura ou de teatralidade da loucura. Além disso, nas primeiras histórias em quadrinhos, Gotham City é flagelada por ameaças de duas ordens. De um lado, gângsteres de terno, gravata e chapéu, caracterizados à maneira de filmes como

Scarface (1932) e Alma no Lodo (1931). O segundo grupo é composto por "grandes ameaças" ou gênios do crime, como o Dr. Morte e Hugo Strange e, mais tardiamente, figuras rigorosamente tipificadas, que se tornariam alguns dos mais conhecidos vilões do universo dos quadrinhos. Dentre estes, destacam-se a ladra de primeira classe, Gata – posteriormente chamada de Mulher Gato – e o Coringa (GONÇALVES, 2018). A Gotham City do filme *Joker*, enquanto fictícia:

> se assemelha aos modos urbanos das grandes cidades dos anos 70 e 80, como Nova Iorque. A situação urbana nesta metrópole norte-americana, naquele mesmo período, foi marcada por crises institucionais, recessão, aumento da criminalidade, do desemprego, com pessoas excluídas em bairros marginalizados, entre outros problemas, que demonstravam uma insuficiência das instituições públicas (JESUS MASCARENHAS; CAMPOS, 2020).

Gotham é uma cidade sombria e perversa, marcada pela desigualdade social e à beira de um caos político. Há uma greve de lixeiros e, devido ao acúmulo de lixo nas ruas da cidade (Figura 5), ocorre uma infestação de ratos. A metáfora dos ratos e do ar fétido refere-se à elite e à classe política psicopática de Gotham, insensíveis ao sofrimento de seus cidadãos (FIGUEIREDO; MORONTE, 2022).

Figura 5 - Acúmulo de lixo nas ruas e becos de Gotham City



Fonte: Phillips (2019).

De acordo com Ferreira (2021), Gotham é uma metáfora crítica de Nova York, apresentando uma excessiva violência urbana e grande desigualdade entre as classes sociais – na qual o pobre fica cada vez mais pobre, o comércio entra em falência, e as pessoas estão desempregadas. O universo de Gotham apresenta uma subjetivação, ou seja, uma narrativa que relata nossa própria experiência.

GEOGRAFIAS DE GOTHAM! OU DE NOVA YORK? E DOS BRASIS

Pensar Gotham City é um exercício de releitura da Nova York caótica da década de 1980. Nova York era um problema para os administradores públicos e considerada:

> [...] um parasita, não contribui em nada para a América, é barulhenta e suja, cheia de estrangeiros e sexo degradante, todo tipo de pecado, hippies e homossexuais e comunistas degenerados, uma mancha sobre os Estados Unidos, e agora Deus deu a chance para nos levantarmos e acabarmos com Nova Iorque para sempre, deixá-la escorrer pelo ralo! Durante o noticiário televisivo foi possível ainda assistir ao político de um distrito — mantido totalmente por dinheiro federal, com uma base naval e um estaleiro — perguntar a seus eleitores: "Nova Iorque deve viver ou morrer?" Eles levantaram-se, sorriram largamente uns para os outros como as turbas em fotos clássicas de linchamento e gritaram: "Morrer! Morrer! Morrer! Morrer!" (BERMAN *et al.,* 2009).

Neste contexto, Gotham assume os contornos de uma cidade reconhecível, repleta de paralelos com o real. Conforme visualizado (três homens e uma mulher num transporte público – metrô) na Figura 4, é possível pensar a organização do trabalho e a violência: a violência no transporte público, bem com a similaridade entre a narrativa com a realidade em algumas cidades do Brasil[7].

> O uso do transporte público por mulheres para se deslocarem para o trabalho, as instituições de ensino ou qualquer outro local se transforma diariamente em um pesadelo. São absolutamente recorrentes os casos de assédio, estupro, agressões ocorridas em ônibus, trens e metrôs no país inteiro. Essa realidade, inclusive, motivou a separação de vagões e unidades exclusivas para mulheres em algumas capitais (ROSA; MONTEIRO, 2020).

O sistema de trens de Gotham é similar aos trens de Nova York de 1980:

> Naquela época eles eram mais deprimentes e mais assustadores do que em qualquer outro período de sua história. As estações viviam cheias de bancos quebrados — era impossível sentar-se —, soquetes vazios e locais sombrios. Os vagões eram velhos, pintados de cinza e descascando; muitos tinham sido recolhidos de um armazém (quando um carregamento de novos vagões que havia chegado foi considerado perigoso, e eles tiveram de ser retirados rapidamente). De repente, centenas de trens estavam tomados de grafites feitos com sprays, saturados com cores luminosas, desenhos vívidos e exuberantes. Os grafiteiros, que geralmente trabalhavam em grupos, gostavam de se identificar e ser reconhecidos. Boa parcela deles era formada por adolescentes negros e latinos, a maioria garotos, embora alguns dos melhores grafites fossem feitos por umas poucas garotas (BERMAN *et al.,* 2009).

Os cortes orçamentários nos serviços municipais fizeram da Nova York, dos finais dos 1970 e 1980, uma cidade difícil e perigosa. A onda de crime e a epidemia do *crack* que emergiram em resposta

[7] As estatísticas registram que de 623 denúncias, no Brasil, o estado de São Paulo lidera o número de ocorrências, com 170 das 623 denúncias registradas, seguido pelo Rio de Janeiro, com 130, Minas Gerais, com 52, Bahia e Goiás, com 24 cada, e Paraná com 23. As demais unidades federativas apresentaram menos de 20 denúncias de violência e violações de direitos no transporte público durante o período analisado. Dos casos denunciados, 456 aconteceram em ônibus, 73 em metrô/trem, 51 em carros de transporte monitorado por aplicativo e 43 em táxi. Das vítimas, 397 (63,72%) eram mulheres, 140 (22,47%) homens e 86 (13,8%) não declararam o gênero no registro da denúncia (NUNES, 2022).

ao ataque sobre a classe trabalhadora de Nova York e a supressão do poder negro militaram contra a realização dos objetivos da elite financeira. Tampouco a classe trabalhadora de Nova York sucumbiu sem uma batalha. Greves deixaram o lixo exposto e apodrecendo nas ruas (Figura 6), a manutenção do metrô se deteriorou, e os sindicatos da polícia e dos bombeiros lançaram uma campanha da "Cidade do Medo" que enfatizou os perigos pela falta de segurança na cidade aos turistas (HARVEY *et al.,* 2009).

Figura 6 - Lixo nas ruas de Nova York na década de 1980



Fonte: Great Future Stories (2019).

As ruas da cidade no filme parecem típicas de uma cidade moderna e grande. Grandes edifícios, veículos, semáforos e postes definem o espaço. No entanto, é perceptível que Gotham é uma cidade muito suja. A enorme quantidade de lixo flutuante, os sacos de lixo empilhados, as paredes pichadas, e os letreiros de *neon* dão à cidade uma aparência dilapidada e sombria.

Outra passagem no filme que requer atenção é a precarização do atendimento especializado em saúde mental oferecido a Arthur, capitaneada por uma administração pública que demoniza servidores e não lhes oferece condições adequadas de trabalho, e maximizada pela falta de empatia e respeito a individualidade do paciente demonstrada por alguns servidores, tal como na cena em que a funcionária não consegue perceber que o apelo para a medicalização é exatamente um grito desesperado, não pela analgesia, mas pelo tratamento das raízes do seu sofrimento (ROSA; MONTEIRO, 2020).

Assim, a assistente social fala para Arthur:

> **Cortaram a nossa verba**, vamos fechar o escritório na semana que vem, a prefeitura cortou a verba em todas as áreas do serviço social, essa é só uma parte, essa é a última vez que a gente se encontra. **Eles não estão nem aí para pessoas como você**, Arthur. E eles não estão nem aí para pessoas como eu também (destaque nosso).

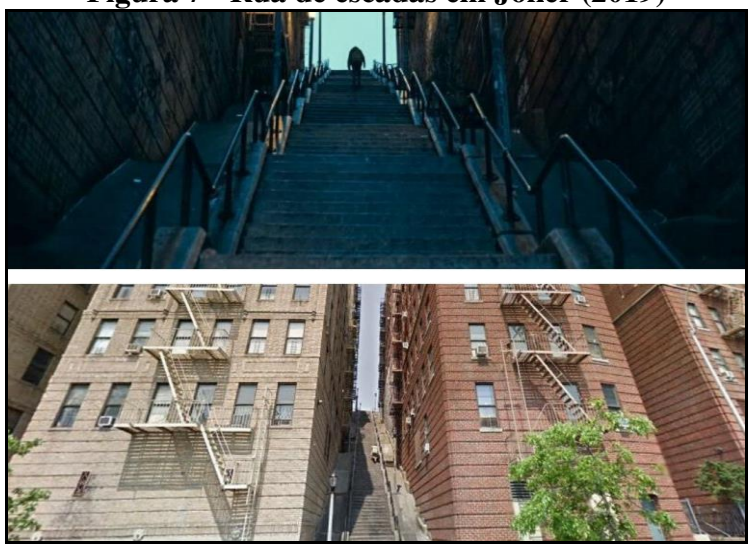
Tal ação da Prefeitura, ou seja, do Estado nos faz refletir sobre as necropolíticas que visam a "destruição material dos corpos e populações de humanos julgados como descartáveis e supérfluos" (MBEMBE, 2012; MARANHÃO, 2020). Para Mbembe (2018) as políticas de exercício da soberania

dos Estados que são orientadas não somente à morte "real", mas também às decisões de quais grupos devem se manter à vista e quais devem ser "apagados"; do extermínio dos corpos humanos e populações, até a sua morte social pela perda dos seus direitos mais básicos e fundamentais regidos por essa lógica de quem importa e quem não.

No Brasil, por exemplo, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) tem sofrido perdas consecutivas de recursos nos últimos anos. Desde o início da gestão do Presidente atual, houve uma redução de mais de 70% nos repasses ao sistema, que caiu de R$3 bilhões, em 2019, para R$ 910 milhões em 2021. Como consequência primeira está a estagnação ou diminuição da capacidade de atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade (SCHIAFFARINO, 2022).

Como Gotham City é o reflexo de uma metrópole como Nova York, os arranha-céus[8] não podem faltar. Conforme descrito na literatura, a cidade é um típico representante da modernidade tendo o arranha-céu como seu principal ícone. No filme estes arranha-céus também estão presentes, mas, além de dar um aspecto urbano à cidade, desempenham um papel bastante insignificante para o enredo, diferente das ações nos filmes do Batman em que os grandes edifícios ganham vida. O que é incomum para um filme ambientado na cidade.

Figura 7 - Rua de escadas em Joker (2019)



Fonte: Santos (2019).

Arthur muitas vezes caminha pela cidade e sobe uma escada enorme[9] (Figura 7), a escada é estreita e escura. No topo das escadas parece brilhante e leve, como se fosse um alívio estar lá em cima. Em outro momento, no entanto, vemos Arthur no topo da escada em um espaço tão escuro quanto na

[8] São edificações que evidenciam o processo de verticalização da cidade e suas transformações ou mutações geográficas. Eles são a representação simbólica do sucesso econômico do lugar. São, portanto, indicadores de força econômica e modernidade, pelo que contribuem tanto para a valorização das terras situadas no seu entorno, quanto para o processo de diferenciação socioespacial.

9 A Rua de Escadas fica localizada na Avenida Anderson e West 167th Street, Bronx.

escada. Essa falsa esperança de algo melhor sustenta a narrativa do filme. Arthur espera uma vida melhor como comediante de *stand-up*, mas essa esperança parece estar longe de ser encontrada. Ele parece incapaz de escapar da escuridão da cidade. O que chama a atenção, porém, é que Arthur dança na mesma escada no final do filme.

Registra-se que quase todas as cenas, tanto internas quanto externas, acontecem no térreo das edificações. Arthur mora em um prédio grande e tem que subir alguns andares de elevador para chegar ao seu apartamento, mas isso só mostra a quantidade de pessoas que moram na cidade e não corrobora a narrativa. No interior dos edifícios, o uso do espaço costuma ser pleno e acolhedor. O apartamento onde Arthur mora com sua mãe é o melhor exemplo disso. Embora os móveis sejam antigos e não se encaixem bem, o apartamento é mobiliado. Isso dá uma sensação de segurança e aconchego.

O exemplo mais óbvio de que a cidade está em ruínas aparece no final do filme. Arthur é levado em um carro da polícia. Enquanto isso, há tumultos nas ruas. O lixo pode ser visto em todos os lugares, os carros estão pegando fogo, em suma, o caos se instala. Arthur é libertado do carro da polícia por dois homens. Ele se levanta e começa a dançar em cima do carro da polícia, enquanto várias pessoas o aplaudem!

CONCLUSÃO

Gotham não é uma cidade fictícia, mas sim uma metrópole pujante e global! É uma cidade com características modernas e (pós)modernas. Arranha-céus, ruas movimentadas e muitas pessoas caracterizam a paisagem urbana. Ao mesmo tempo, a cidade também tem a atmosfera de um filme de gângster, suja e em ruínas. A atmosfera é escura e violenta. É claro que a cidade não atua como pano de fundo, mas tem um papel importante e coadjuvante para a história. As principais áreas do filme são as ruas e o apartamento que mora com sua mãe Penny.

Em que pese o filme retratar Arthur Fleck com distúrbios neurológicos e transtornos mentais, não há menção de qual seja sua enfermidade. Tal omissão na película nos faz inferir que o personagem possa ser fruto da perversidade capitalista e da reprodução urbana, pois foi adotado por mãe solteira e com problemas psicológicos; e criado sem a figura paterna. Contudo, na literatura há diversos autores que consideram Arthur um esquizofrênico – louco. Além disso, Arthur é morador de um bairro pobre e afastado do centro de Gotham, necessitando utilizar o sistema de transporte público. Ou seja, Arthur é produto de uma cidade caótica, doente e insana.

O texto ora em conclusão não esgota as possibilidades de análise do filme *Joker*, tampouco o tema proposto. Ao contrário, nos possibilita realizar novos exercícios inter ou transdisciplinares,

buscando interpretar o comportamento de Arthur Fleck frente a ausência do Estado, que no mínimo, deveria ser assistencialista; entender o personagem a partir da negação das necessidades elencadas por Maslow; a influência da paisagem sonora no enredo da trama; as geografias dos becos, enquanto espaços de violência; e as geografias dos espaços internos e das instituições.

A violência, exacerbada e exagerada, praticada por Arthur não pode ser justificada simplesmente pela falta de atenção do Estado, mas como fruto de necropolíticas institucionalizadas e por interesses políticos escusos. O aspecto biopsicossocial[10] do personagem deve ser investigado por vários prismas, pois Gotham City é o retrato falante da realidade de inúmeras cidades brasileiras, e não somente um recorte com toques fictícios de uma Nova York decadente! Gotham City é aí, ali e aqui!!!

REFERÊNCIA

AMARAL, M. E. P. "O conceito de vida nua no filme Coringa". **Revista Mediação**, vol. 23, n. 32, 2021.

ARAÚJO, A. K. R. V. "Coringa e o retrato de um vilão criado pela sociedade". **Travessias**, vol. 15, n. 1, 2021.

BACK, C. M. "Coringa: Reflexões sobre Crime e Loucura". **Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal**, vol. 9, n. 1, 2021.

BAHARUDDIN, A. F.; GOSAL, A. N. "Exploitation & Social Discrimination Portrayed in The Joker Movie (2019): A Study of Class Analysis". **Mediator: Journal Komunikasi**, vol. 14, n. 2, 2021.

BENVENUTO, S. "The fatherless clown". **Psychoanalytic Discourse**. Issue 5, vol. 1, 2020.

BERMAN, M.; BRANDÃO, J. B. F.; DINIZ, S. C. "Nova Iorque chamando". **Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte**, vol. 11, n. 18, 2009.

BERQUE, A. "Milieu et motivation paysagère". **Espace géographique**, tome 16, n. 4, 1987.

BRESSON, R. **Notas sobre o cinematógrafo**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

CARVALHO, B. F.; NABOZNY, A. "Paisagem e lugar na configuração do espaço fílmico pós-apocalíptico de ´wall´". **Geograficidade**, vol. 9, n. 1, 2019.

CHIAPETTI, R. J. N.; FREITAS, G. M. "Os filmes como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia". **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 23, p. 43, 2019.

COLLOT, M. "**Poética e filosofia da paisagem"**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

[10] O modelo biopsicossocial é uma abordagem multidisciplinar que compreende as dimensões biológica, psicológica e social de um indivíduo. Em relação à dimensão biológica - procura compreender como a causa da doença decorre no funcionamento do corpo do indivíduo; na dimensão psicológica - investiga potenciais, causas psicológicas para um problema de saúde, como a falta de autocontrole, perturbações emocionais e pensamento negativo; e na dimensão social - investiga como os diferentes fatores sociais, como o status socioeconômico, cultura e as relações sociais podem influenciar a saúde. O modelo biopsicossocial afirma que o funcionamento do corpo pode afetar a mente e o funcionamento da mente pode afetar o corpo.

CORREA, A. F. “Joker: análise fílmica segundo o despertencimento social”. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais - Art&Sensorium**, vol. 7, n. 2, 2020.

DANTAS JÚNIOR, R. O.; GÓES, L. M. “A utilização do filme O Menino e o Mundo como recurso na discussão do conceito de paisagem e suas dinâmicas”. **Geopauta**, vol. 4, n. 1, 2020.

DECLERCQ, M. “Mundo de sofrimento e autoritarismo: entenda o significado de distopia”. **Portal UOL** [14/08/2020]. Disponível em: <https://tab.uol.com.br>. Acesso em: 06/08/2022.

FERREIRA, F. J. “Coringa: uma reflexão sobre a face e identidade do personagem do filme de Todd Phillip´s”. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, vol. 20, n. 37, 2021.

FERREIRA, M.; COSTA, O. “Arte-geografia: o lugar como poética da imagem em Serrinha luz e cores”. **GEOUSP**, vol. 25, 2021.

FERREIRA, M.; LEMOS, O. “Aproximações teórico-metodológicas entre a geografia e o cinema: a cidade-personagem”. **Caderno de Geografia**, vol. 30, n. 62, 2020.

FERREIRA, R. B. “Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma geografia das essências”. **Nufen**, vol. 9, n. 2, 2017.

FIGUEIREDO, B. Q.; MORONTE, F. H. “Análise do provocador e perturbador perfil neuropsíquico do personagem Coringa, de Joaquin Phoenix, na obra ´Joker´”. **Research, Society and Development**, vol. 11, n. 9, 2022.

FILHO, P. P. P. M. “Geografia e Cinema: entre a representação e a experiência da paisagem”. **Anais do XIII ENANPEGE**. São Paulo: ANPEGE, 2019.

FIORAVANTE, K. E. “Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento”. **Revista Ateliê Geográfico**, vol. 12, n. 1, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONÇALVES, V. A. M. “Quando o herói e sua cidade são um: as muitas faces de Gotham City”. **Anais das 5as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: USP, 2018.

GREAT FUTURE STORIES. “New York City back in the 1980s”. **Portal Eletrônico Great Future Stories** [14/05/2019]. Disponível em: <https://greatfuturestories.com>. Acesso em: 30/07/2022.

HARVEY, D.; ALFREDO, A.; SCHOR, T.; BOECHAT, C. A. “A liberdade da cidade”. **GEOUSP Espaço e Tempo**, vol. 13, n. 2, 2009.

JESUS MASCARENHAS, T.; CAMPOS, L. R. “De excluído socialmente a criminoso violento: uma análise sobre a vida de Arthur Fleck no filme “Coringa” (2019)”. **Revista Transgressões**, vol. 8, n. 2, 2020.

MACHADO, B. A.; VILLA, L. “Aporias criminológicas: “Coringa” e a desconstrução do binário herói/vilão”. **Opinión Jurídica**, vol. 20, n. 41, 2021.

MARANHÃO, R. A. “Os cientistas sociais no combate ao coronavírus e contra a necropolítica: primeiras batalhas”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

MARCELLO, C. “Coringa (2019): análise e explicação do filme”. **Cultura Genial** [30/10/2019]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com>. Acesso em: 30/07/2022.

MARTINS, A. B. S. P. “Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar”. **GEOgraphia**, vol. 22, n. 49, 2020.

MBEMBE, A. “Necropolítica, uma revisión crítica”. *In:* GREGOR, H. C. M. (Org.). **Estética y violencia**: Necropolítica, militarización y vidas lloradas. Ciudad de México: UNAM, 2012.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo, 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NASCIMENTO, F. C. **Narrativas da geograficidade, legendas do mundo**: interpretando as paisagens de cinema em O Senhor dos Anéis (Tese de Doutorado em Geografia). Natal: UFRN, 2020.

NUNES, C. “Quem sofre violência no transporte público do Brasil?”. **Portal Eletrônico Alma Preta** [14/04/2022]. Disponível em: <https://almapreta.com>. Acesso em: 30/07/2022.

OLIVEIRA IUVA, P. “Das regularidades às rupturas discursivas das corporalidades audiovisuais no filme Coringa (2019)”. **Memórias do corpo**, 2019.

OLIVEIRA JÙNIOR, W. M.; GIRARDI, G. “O cinema como diferença na linguagem do ensino de Geografia: uma cartografia provisória”. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, vol. 10, n. 19, 2020.

PAGANI, A.; ALENCAR, C. G. V. “O Coringa-Uma análise do personagem Arthur Fleck pela Bioenergética”. **Anais do EVINCI - UniBrasil**, vol. 7, n. 1, 2021.

PENAFRIA, M. “Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)”. **Anais do VI Congresso SOPCOM**. Lisboa, 2009.

PHILLIPS, T. **Joker** (Filme). Los Angeles: Warner Bros., 2019.

PRADO, K. O. “Políticas de morte e lutas de classes no filme ´Coringa´”. **Revista Livre de Cinema, uma leitura digital sem medida**, vol. 9, n. 1, 2022.

QUEIROZ FILHO, A. C. **Vila-Floresta-Cidade**: território e territorialidades no espaço fílmico (Tese de Doutorado em Geografia). Campinas: UNICAMP, 2009.

REDMOND, S. “That joke isn’t funny anymore: a critical exploration of Joker: Introduction”. **New Review of Film and Television Studies**, vol. 19, n. 1, 2021.

RODRIGUES, F. L. L.; SARDINHA, C. L. V. “Coringa: uma análise pela perspectiva do princípio jurídico da fraternidade”. **Argumentum Journal of Law**, vol. 23, n. 1, 2022.

RODRIGUES, M. S. “Uma análise das cosmovisões africanas de Kiriku e a Feiticeira: o espaço fílmico, representações não-eurocêntricas e suas discussões”. **Revista Espacialidades**, vol. 18, n. 1, 2022.

ROSA, C. M.; MONTEIRO, E. L. B. “Gotham é aqui. Uma análise possível do filme Joker”. **Revista Trabalho En(Cena)**, vol. 5, n. 1, 2020.

ROSITA, E.; PRATHISARA, G. “Representation of violence value in Joker Film”. **Commicast**, vol. 3, n. 1, 2022.

SANTOS BRITO, A. B. “O riso grotesco e o riso de charivari na sociedade humorística: a paródia social no filme ´Coringa´”. **APOENA - Periódico dos Discentes de Filosofia da UFPA**, vol. 1, n. 2, 2021.

SANTOS, V. “Para imitar Joaquin Phoenix além da Escadaria: 7 lugares de Nova York que aparecem em Coringa”. **Rolling Stone** [26/10/2019]. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br>. Acesso em: 05/08/2022.

SCHIAFFARINO, J. “Gestão Bolsonaro cortou em mais de 70% repasses para Assistência Social”. **Congresso em Foco** [07/01/2022]. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br>. Acesso em: 01/08/2022.

TAVARES, A. E.; MADRID, F. M. L. “Coringa: da violência como invisibilidade à violência como êxtase”. **Anais do X Simpósio Internacional de Análise Crítica do Direito** [2020]. Disponível em: <http://siacrid.com.br>. Acesso em: 05/09/2022.

ZANONATO, E. R.; OLIVEIRA, L. A. “Psicologia Social e o Filme" Coringa": alguns diálogos possíveis”. **Anais do Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Joaçaba: UNOESC, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 33| Boa Vista |2022

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima